
VERBETES PSICANALÍTICOS

BARRA, METÁFORA E METONÍMIA⁽¹⁾

A BARRA DO ALGORITMO TAL COMO LACAN A UTILIZA ⁽²⁾

Marc Darmon

A distinção fundamental do significante e do significado define então *"duas redes ... de relações que não se recobrem"* [J. Lacan, *La chose freudienne*, op. cit., p. 414]. Lacan descreve essas duas redes da seguinte maneira: a primeira rede do significante é estruturada sincronicamente em seus diferentes níveis como puras diferenças. *"A segunda rede, a do significado, é o conjunto diacrônico dos discursos concretamente pronunciados, o qual reage historicamente sobre o primeiro, assim como a estrutura deste comanda as vias do segundo. Aqui o que domina é a unidade de significação, a qual se revela jamais se resolver em pura indicação do real, mas sempre remeter a uma outra significação. Isto é, a significação não se realiza a não ser partindo de uma tomada das coisas que é o conjunto"*.

Em "A instância da letra no inconsciente" ele formaliza a incidência do significante sobre o significado. Graças às duas operações, da metonímia e da metáfora.

Será que precisamos lembrar aqui os dois exemplos canônicos tantas vezes comentados por Lacan e seus alunos? "Trinta velas", então, para a metonímia, é a conexão do navio e da vela que está em jogo, não na realidade, pois um navio não tem em geral senão uma única vela, mas no significante. *"Seu feixe não era*

nem avaro nem odiento ..." para a metáfora, no verso bem conhecido de Victor Hugo, seu feixe [sa gerbe] se substitui a Booz, *"... uma palavra por uma outra ..."*, *"o significante ocultado permanecendo presente a partir de sua conexão metonímica com o resto da cadeia"*.

Na metonímia, que Lacan simboliza assim:

$$f(S...S') S \cong S(-)s$$

trata-se de colocar em valor "a conexão" do significante ao significante. Reconhecemos ali o que há muito tempo foi identificado como o remeter de uma significação a uma outra. Podemos dizer que a significação fica em outro lugar, do outro lado da barra que está aqui mantida (-) no algoritmo. O que é remetido, verdadeiramente, é um significante a um outro significante. É este movimento mesmo que instaura *"a falta do ser na relação de objeto"*. Não há outra mola ao desejo que este encadeamento metonímico. Neste sentido, para retomar, invertendo os termos de Saussure, somente a linguagem permite e mesmo produz uma *"relação efetiva"* ao objeto, com a condição de considerar este objeto como o objeto metonímico do desejo, o que Lacan denominará objeto *a*, causa do desejo.

A estrutura metafórica faz jogo com a substituição de um significante a

um outro na cadeia que produz *"um efeito de significação que é de poesia ou de criação"*. Lacan simboliza assim a metáfora:

$$f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S(+s)$$

O signo (+) mostra que o significante ultrapassa a barra e passa no significado. A barra, sendo ela mesma barrada, é este ultrapassamento que produz o efeito de significação. S' é latente na metonímia, patente na metáfora. No verso de Hugo, seu feixe vem se substituir a Booz que ele rejeita

ao mesmo tempo, e Lacan observa então que Booz se encontra fora, em companhia daquilo que é excluído no verso, isto é, a avareza e o ódio, mas isto é somente para melhor *"ressurgir no que cerca a figura na qual ele se aniquilou"*. E aí está o efeito de sentido produzido pela metáfora, isto é, *"a irradiação da fecundidade"*, que prepara o anúncio surpreendente da paternidade que recebe o ancião neste contexto sagrado. Aliás, em seu texto sobre a psicose, Lacan desenvolve a fórmula da substituição. Ela faz intervir dois significantes, S e S' (o acento é invertido em relação à primeira fórmula).

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \longrightarrow S \left(\frac{1}{s} \right)$$

x é a significação desconhecida
s o significado induzido pela metáfora.

A metáfora consiste na substituição de S por S'. A elisão de S' é representada por sua rasura. Observemos que Lacan vai situar o lugar do sujeito no momento de ultrapassar a barra na metáfora, quando o significante passa no significado. Por exemplo, em **As Formações do Inconsciente**, Lacan mostra como o termo *"aterré"* (aterrorizado) que significa *"abattu"* (abatido), *"jogado por terra"*, veio para alguns significar *"aterrorizar"* (frappé de

terreur); é por uma simples homonímia que esta nuance foi introduzida. Isto é, por um puro mecanismo significante, entre os dois significantes, o significante *"ter"* passou para os de baixo. O verso de Hugo ilustra bem essa fórmula, tanto mais que coloca diretamente em jogo a própria metáfora paterna. Aqui o sujeito Booz advém à significação paterna, e então fálica, quando seu nome próprio se acha abolido por um outro significante que se substitui a ele. Em seu texto sobre a psicose Lacan aplica assim a sua fórmula da metáfora do Nome-do-Pai.

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado ao sujeito}} \rightarrow \text{Nome - do - Pai} \left(\frac{A}{\text{falo}} \right)$$

Isto é, o sujeito confrontado à alternância da presença e da ausência

da Mãe identifica a incógnita x, a causa do desejo da Mãe, ao faló, e no primeiro

tempo se identifica a esse falo. A metáfora paterna é a operação pela qual um Nome vem se substituir a essa primeira simbolização e mediatizar a relação da criança ao desejo da mãe e ao falo enquanto que o Pai é o significante que representa a lei e a existência da própria cadeia significante. A fórmula indica bem que seu significante fálico está presente no Outro ($\frac{A}{\text{falo}}$), é um estado de recalçado.

Essa presença não é ordinariamente acessível ao sujeito, mas se manifesta por sua insistência em se representar no significado, isto é, o falo a ser recalçado dá sentido às cadeias significantes.

Não há outra causa ao pan-sexualismo da sexualidade.

Observemos que se, em nossa cultura, o Nome-do-Pai já metaforiza o falo, cada sujeito tem, em seu próprio complexo de castração, que reconquistar esta metáfora de maneira particular.

Notemos a evolução das fórmulas de Lacan no uso dos termos de sentido e de significação. Em **A instância da letra no inconsciente** Lacan aponta que o significante não representa nenhuma significação. Em outros textos, por exemplo, **Subversão do sujeito e dialética do desejo**, ou **Posição do inconsciente**, ele precisa que *"o significante representa o sujeito para outro significante"*. É a definição mesma do significante em oposição ao signo que representa algo para alguém. Em **Radiofonia** (1970), Lacan enuncia que a metáfora produz *"um efeito de sentido (não de significação) de um significante que, como pedra lançada, agita as águas do significado"* [Scilicet, Paris, Seuil, 1970, nº 2/3].

Lacan opõe aqui de maneira muito nítida sentido e significação enquanto que em **A Instância da letra** ele fala ainda de efeito de significação. Esta evolução participa do mesmo movimento de afirmação da prevalência do significante.

A oposição entre sentido e significação deve ser aproximada da distinção de Frege entre **Sinn** e **Bedeutung**. Para Lacan, afinal de contas, não há outra significação senão aquela do Falo, **Die Bedeutung des Phallus**. A barra saussuriana é nitidamente definida em Radiofonia como *"a borda real, seja a saltar do significante que flutua para o significado que flui"*. Lacan se opõe assim à sua utilização rápida demais como barra de fração ou como proporção, como é o caso no artigo célebre de **Laplanche** e **Leclaire**, **L'inconscient, un étude psychanalytique**. Mas sabemos que Lacan não se privou ele próprio de utilizá-la, às vezes assim: a nuance vem de que Lacan não perdia de vista a verdadeira função da barra. Não se deve fazer, por exemplo, desta barra, a barreira entre inconsciente e pré-consciente.

Sublinhamos o aspeto topológico dessas operações retomando a imagem saussuriana da folha de papel. No caso da metonímia há deslocamento sobre uma face, o significado fica além da borda real. Na metáfora, uma ida além dessa borda, mas é um significante que vai além. Sobre a face oculta há então o significante no lugar do significado, mas como vemos o significado não está sobre a outra face; ele está além da borda, mas não sobre a outra face. É a distinção que se introduz ali com o modelo de Saussure.

O que fica precisamente da instância da letra no inconsciente? Lacan reconhece nos mecanismos do inconsciente descritos por Freud as operações mesmas da linguagem, em particular a metáfora e a metonímia. Retomando **A Ciência dos Sonhos**, ele sublinha a estrutura literal em rébus. As imagens do sonho não devem ser retidas se não por seu valor de significante assim como um rébus a decifrar. A imagem não tem nada a fazer com a significação, o que ilustra a escritura egípcia. Se o hieróglifo é mesmo um desenho simplificado, este não está forçosamente ali para representar, por exemplo, uma ave de rapina ou um instrumento agrícola. O uso do determinativo permite dizer que este desenho é de fato utilizado por seu valor literal porque o nome do objeto representado entra na composição de um outro significante que nada tem a ver com uma ave. Consideremos por exemplo uma série de sonhos onde as letras VER voltam de maneira repetitiva. Como isso é possível na língua francesa, a figuração é assegurada pelas imagens as mais disparatadas, indo da taça ("verre à pied") ao verme da terra ("ver de terre"), passando pela cor verde ("verte"). A interpretação não repousa sobre a significação cada vez renovada dessas imagens, mas sobre as próprias letras, VER, que assim retornam no sonho, sendo o sonho ("rêve"), aliás, o anagrama ou o inverso dessas letras.

Lacan mostra que na **Entstellung**, isto é, a transposição, se trata do deslizamento do significado sob o significante. A **Verdichtung**, condensação, funciona como uma metáfora, e a **Verschiebung**, o deslocamento, joga sobre a metonímia.

No rébus complexo que produz o sonho, somente o falo intervém como um símbolo no sentido de Saussure, isto é,

por uma fórmula evocativa, como se o sonho ali falhasse em produzir seu trabalho de criptagem e esbarrasse contra a imagem fálica. Em todas as outras formações do inconsciente, sintomas, lapso, dito espirituoso, encontra-se igualmente a estrutura de linguagem e suas leis.

Em **Radiofonia** Lacan precisa a relação da metáfora com a condensação. Na poesia o significante elidido falta na cadeia de modo apenas metafórico. A poesia **"provém de um fazer"**. **"Como ela se fez, ela pode se desfazer"**. Em suma, o significante elidido está à nossa disposição no simbólico. O efeito de sentido produzido se faz **"no sentido do não-sentido"**. **"Completamente diferente é o efeito da condensação enquanto parte do recalque e retorna do impossível, a conceber como o limite de onde se instaura pelo simbólico a categoria do real. Sobre isto um professor devidamente induzido por minhas proposições (ele acredita, aliás, se colocar contra, enquanto nelas se apoia, contra um abuso do qual se abusa, sem dúvida com prazer) escreveu coisas a serem retidas. Além da ilustração do chapéu a encontrar nas folhagens da árvore, é da folhagem da página que ele materializa lindamente uma condensação cujo imaginário se elide de ser tipográfico: aquela que das dobras da bandeira faz ler: sonho de ouro - os termos achatados que ali se deslocam e se escreve ali: revolução de outubro [N.T.: révolution d'octobre = rêve d'or].**

Aqui o efeito do não-sentido não é retroativo no tempo, como na ordem do simbólico, mas bem atual pelo fato do real.

Indicando para nós que o significante ressurgiu com som discordante [couac] no significado da

cadeia superior à barra, e, que se o significante dali cai, é por pertencer a uma outra cadeia significante que não deve em nenhum caso recortar a primeira, porque fazendo com ela discurso, este significante muda em sua estrutura". Ele precisa que o que opera aqui no lugar da arte poética são razões. Assim, retomando o exemplo de "rêve d'or", que Lyotard tinha utilizado precisamente contra ele, Lacan faz valer que a condensação do sonho se diferencia da metáfora poética no sentido em que ela faz intervir o real de onde o recalque retorna. [J.-F. Lyotard: Discours, Figure; Paris, Klincksieck, 1971, p. 247: "A inscrição REVOLUÇÃO DE OUTUBRO na bandeira é deformada pela ação do vento e pelo jogo das dobras, transformada em SONHO DE OURO (RÊVE D'OR). Este belo exemplo deve ser comparado àquele, premonitório, de André Breton, em Nadja,

no qual o anúncio do Hotel de Pourville, MAISON ROUGE, se lê da estrada sob uma certa obliquidade, POLICIA (POLICE)"].

Existe, então, como acabamos de ver, uma outra cadeia significante inconsciente no anverso do discurso consciente. Topologicamente, como situar esta segunda cadeia significante? É o problema da dupla inscrição exposta por Freud em seu artigo sobre O inconsciente e ao qual Laplanche e Leclaire trazem uma solução errônea [J. Laplanche e S. Leclaire: "O inconsciente, em estudo psicanalítico"; O Inconsciente (VI Colóquio de Bonneval), Desclée de Brower, 1966. A ilustração do chapéu de Napoleão escondido nas folhagens da árvore, à qual Lacan alude, é de Laplanche], utilizando a fórmula da metáfora como uma multiplicação aritmética de duas frações.

$$\frac{S'}{S} \cdot \frac{S}{s} \quad \text{tornando-se} \quad \frac{\frac{S'}{s}}{\frac{S}{S}}$$

Um suposto significante inconsciente S/S que teria a particularidade de se representar a si mesmo vindo ligar S' e s. A barra saussuriana se tornaria assim a barreira do inconsciente. Ora, nenhum significante saberia se significar a si mesmo porque o significante é diferente de si mesmo. E Lacan nunca fez da barreira saussuriana o limiar do inconsciente.

-
- (1) Continuação do "verbeta" apresentado no número anterior de VEREDAS, extraído do "Dictionaire de la psychanalyse" publicado pela Larousse sob a direção de Roland Chemama, no qual chamamos a atenção do leitor para a fórmula da estrutura metafórica, apresentada de modo diferente da deste artigo.
- (2) DARMON, MARC: *Essais sur la Topologie lacanienne, págs. 33 a 41*, Éditions de l'Association Freudienne - Le Discours Psychanalytique. Acaba de ser lançado no Brasil pela Editora Artes Médicas Sul Ltda., Série Discurso Psicanalítico: Ensaio sobre a topologia Lacaniana.